

FRIEDRICH WILHELM NIETZSCHE: VIDA, OBRA E A LUTA CONTRA O SOFRIMENTO

Paulo Dante Fornazier Leles Filho¹
Sueli Teresinha de Abreu Bernardes²

RESUMO:

Resultado de uma pesquisa interdisciplinar de mestrado, este artigo examina a conexão entre a vida, a obra, o senso de missão e o sofrimento na obra de Friedrich Wilhelm Nietzsche. Por meio de uma leitura hermenêutica, aspectos desde sua infância são considerados para a melhor apreensão de sentidos que podem ter contribuído para a construção de sua personalidade e de seus conceitos. Um momento que tem especial enfoque é sua formação escolar, sobretudo a acadêmica, uma vez que por meio delas o filósofo alemão tem seu primeiro contato com temáticas que lhe guiarão durante toda a vida, como a filologia, além das leituras e posteriores objeções a Richard Wagner e a Arthur Schopenhauer. Tem-se em vista sua grande contribuição como um pensador que se manifestaria como aquele que tudo destrói (filósofo do martelo); que dialoga com diferentes saberes e os inter-relaciona; e que, no isolamento imposto a si mesmo, em decorrência de debilidades físicas, alcança a liberdade interior para quebrar velhas certezas e oferecer como alternativa o que ele considerava ser verdade para todos.

PALAVRAS-CHAVE: Friedrich Nietzsche; Vida e obra; Interdisciplinaridade.

ABSTRACT:

As a result of a master's interdisciplinary research, this article examines the connection between life, work, sense of mission and suffering in Friedrich Wilhelm Nietzsche. Through hermeneutical reading, aspects from his childhood are considered for the better apprehension of meanings that may have contributed to the construction of his personality and his concepts. A special focus is his scholarly education, especially the academical ones, since through them the German philosopher has his first contact with themes that would guide him throughout his life, such as philology, besides the readings and later objections to Richard Wagner and Arthur Schopenhauer. One has in view his great contribution as a thinker who would manifest himself as the one who destroys everything (hammer philosopher); which dialogues with different knowledges and interrelates them;

¹ Mestrando em Educação pela Universidade de Uberaba e membro do Núcleo de Estudos sobre o Professor, a Arte e a Filosofia. Professor no curso de Letras da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FUCAMP) de Monte Carmelo, MG. Endereço: Rua Três Pontes, 30, Centro, Monte Carmelo, MG, CEP 38500-000; e-mail paulofornazier.br@gmail.com; telefone 34-988877542.

² Doutora em Educação, coordenadora do NEPAFi, membro do Círculo Latinoamericano de Fenomenología, da Association Internationale Gaston Bachelard, da Rede de Pesquisadores sobre o Professor do Centro-Oeste e da Sociedade de Estudos e Pesquisas Qualitativos. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Uberaba. Endereço: Travessa Satyro Silva Oliveira, 15, apto. 601, Centro, Uberaba, MG, CEP 38010-420; e-mail sueli.bernardes@uniube.br; telefone 34-999208892.

and that, in self-imposed isolation, as a result of physical weaknesses, he attains inner freedom to break old certainties and offer as an alternative what he considered to be true for all.

KEY-WORDS: Friedrich Nietzsche; Life and work; Suffering; Interdisciplinarity.

Introdução

Este artigo tem como finalidade apresentar recortes da vida de Friedrich Wilhelm Nietzsche e da construção de seu pensamento filosófico. Consideramos importante destacar que não há a intenção de esgotar todas as teorias nietzschianas, ou mesmo desenvolver suas ideias de maneira acabada e conclusa.

Para que se possa compreender a visão de Nietzsche sobre o homem em sua complexidade, sobre a educação em sua decadência conservadora, bem como sobre a arte em sua essência perdida, buscamos acontecimentos da vida do filósofo alemão, com o intuito de apreender sentidos de como o meio em que viveu o guiou para refletir, analisar, criticar e, posteriormente, escrever sobre diversas temáticas.

A metodologia por nós utilizada para a composição do presente artigo revela-se em uma perspectiva fenomenológica hermenêutica. Assim, interrogando o fenômeno (que se apresenta como alguns conceitos e a própria vida de Nietzsche), tecemos, gradativamente, o corpo do artigo, no qual priorizamos a apreensão de sentidos que se desvelam a partir das perguntas feitas ao longo das leituras das obras selecionadas.

Tomamos como referência, sobretudo, a pesquisa de Olgária Chaim Perez e a consultoria de Marilena Chauí (1999) para a coleção “Os Pensadores”, Reginald John Hollingdale (2015) e obras do próprio Nietzsche (1992, 1999^a, 1999^b, 2000, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2011, 2012, 2015).

O filósofo alemão viveu em meio a acontecimentos históricos de uma Alemanha em processo de unificação, por meio da figura de Otto Von Bismark (primeiro-ministro empossado pelo rei Guilherme I da Prússia) (DRIJARD, 1972, p. 129). Os fatos dessa época fazem com Nietzsche se veja em meio a uma agitação cada vez mais voltada a movimentos relacionados a um nacionalismo exacerbado, à ascensão do capitalismo, como também à reação pelo socialismo, acontecimentos estes em emergência não somente na Alemanha como em grande parte da Europa.

Assim, novas configurações nas áreas básicas de toda Europa, como na saúde, segurança e até mesmo na educação chamam a atenção do filósofo prussiano, uma vez que se escancarava a maleabilidade de setores públicos para interesse de poucos.

Ao longo de sua existência, Nietzsche constroi uma barreira cada vez maior com todos a sua volta devido à sua intolerância a discursos moralistas, bem como a reflexões primárias e retrógradas sobre a vida e suas construções social e moral, além do grande sofrimento físico e mental que tomou grande parte de sua vida. Em tal contexto, de forma sintética, relatamos, neste texto, como foi construída sua vida e sua obra, e sua atitude diante do sofrimento com o qual conviveu grande parte de sua existência.

A base de um grande filósofo

Nascido na cidade de Röcken, Reino da Prússia, em 15 de outubro de 1844, Friedrich Wilhelm Nietzsche (tendo o sobrenome Wilhelm retirado por ele próprio posteriormente) tem uma infância bucólica e tranquila, ao lado da mãe e do pai e pastor, Carl Ludwig Nietzsche, admirado pelo futuro filósofo como um grande leitor e pianista improvisador, o qual foi inspiração para Nietzsche compor sua própria personalidade e sua subsequente filosofia.

Mediante seu desempenho na escola municipal preparatória, recebe uma bolsa para estudar no seletivo internato Colégio Real de Pforta, de grande prestígio por seu ensino histórico-cultural, localizado nos edifícios de uma antiga abadia em Schulpforte, um distrito de Naumburg, cidade para a qual sua família se mudou. Nessa instituição, realiza suas leituras iniciais de Schiller, Hölderlin e Byron (HOLLINGDALE, 2015).

Após um período conturbado de adaptações e novas experiências, o adolescente Nietzsche torna-se um aluno exemplar em grego e latim. Tais matérias na escola de Pforta foram o início de novos conhecimentos e sentidos sobre mundo, educação e arte. Nessa época inicia, também, suas primeiras anotações sobre a poesia na juventude. Esse envolvimento com textos poéticos contribui de forma significativa para a construção do seu estilo ao escrever sua filosofia, proferida de forma simples e em grande parte, por meio de aforismos.

Ainda na adolescência, Nietzsche volta-se, por um curto espaço de tempo, à religiosidade, por meio de uma cerimônia de confirmação na qual estava envolvido. Entretanto, tal entusiasmo e empolgação logo se dissipam. Cada vez mais introspectivo em seus estudos, e influenciado por suas leituras, ele resolve deixar as aulas de Teologia, já

que tais estudos não condiziam mais com o que acreditava. Suas atitudes revelam um distanciamento, e suas críticas estão expressas em obras que escreveria mais tarde como o “Crepúsculo dos Ídolos ou como filosofar com o martelo” (2006), no qual se lança contra a moral cristã, entre outros aspetos; ou “O Anticristo: maldição ao cristianismo. Ditirambos de Dionísio” (2007), que, distante de se referir apenas ao cristianismo histórico e institucional, se volta para o “cristianismo latente” que, com a sua vontade de crença, invade outras formas culturais e reina em domínios não especificamente religiosos. Ou, ainda, “Assim Falou Zaratustra” (2011), no qual expressa a necessidade de superar o pensamento religioso, entre várias outras ideias, em um contexto de discurso elitista, desprezando a solidariedade com os mais fracos. Nessa obra, o pensador prussiano critica os paradigmas e criações salvacionistas seja pela religião, seja pela política ou pelo racionalismo.

Na época de seus estudos de juventude, ele se envolve inúmeras vezes em festas promovidas pelos colegas de turma. Essa fase pode ser considerada como a introdução de Nietzsche à vida boêmia, a qual o levará a contrair uma doença que o acompanhará durante o resto de sua vida, deteriorando sua saúde aos poucos e gerando sofrimento e outros consequentes problemas.

Durante o último ano em Pforta, escreve um ensaio sobre o poeta Teógnis (séc. VI a.C.). Na mesma época, revela suas primeiras ideias ainda abstratas e metafóricas sobre a falácia da democracia, bem como a necessidade de se buscar uma nova forma de aristocracia. Das viagens de Nietzsche, bem como de suas atividades enquanto estudante, podemos considerar sua partida para a Universidade de Leipzig, em 1865, como marcada por pontos fundamentais: o aprofundamento nos estudos sobre a filologia, quando realizou investigações originais sobre Diógenes Laércio (séc. III), Hesíodo (séc. VIII a.C.) e Homero, além de Platão (428-348 a.C.) e Ésquilo (525-456 a.C.). Realizando uma sequência de escritos, Nietzsche fica cada vez mais reconhecido e com credibilidade no meio acadêmico. Tal reconhecimento concretiza-se no momento em que, em 1869, ele é convidado para assumir a cadeira de filologia clássica na Universidade da Basileia.

Nesse período, seu interesse pela filosofia é despertado pela leitura de “O Mundo como vontade e representação” (2005)³, publicada por Arthur Schopenhauer em 1819, de

³ A mais importante obra de Schopenhauer, composta por quatro livros e publicada em 1819. O primeiro livro é dedicado à teoria do conhecimento; o segundo, à filosofia da natureza; o terceiro, à metafísica do; e o último, à ética.

quem se sente atraído pelo seu pessimismo metafísico, assim como pela posição essencial da experiência estética na filosofia, sobretudo pela acepção metafísica que conferia à música.

Segundo Bittencourt (2009), a influência recebida revela-se no desenrolar de marcantes temas de seu pensamento filosófico, em especial no seu primeiro livro “O nascimento da tragédia no espírito da música”, escrito em 1872, no qual vincula o apolinismo ao princípio de individuação, e o dionisismo ao Uno Primordial da Vontade. Além disso, Nietzsche incorpora, mais ainda, a função da música como arte transformadora da existência.

O encontro com Wagner

Em 1871, Nietzsche adoece pela primeira vez. A partir desse ano, o filósofo de Zaratustra não mais revela uma saúde de forma íntegra como sempre tivera, e será permanentemente atormentado por sequelas da patol adquirida.

Em outubro do mesmo ano, em sua ida à Naumburg, Nietzsche conhece Fritsch, editor responsável pela publicação das obras do Richard Wagner (1813-1883). Fritsch o apresenta ao compositor, e o filósofo fica encantado com sua música. A estima recíproca que se desenvolve entre os dois estimula Nietzsche a escrever uma carta a Gersdorff, revelando a grandiosidade enxergada na figura de Wagner:

encontrei um homem que se revela aos meus olhos, como nenhum outro, a imagem do que Schopenhauer chama de “gênio” e totalmente impregnado desta filosofia tão maravilhosamente intensa [...]. Nele reside um idealismo tão intransigente, uma humanidade tão profunda e comovente, uma seriedade de propósitos tão exaltada, que perto dele me sinto perto do Divino. (NIETZSCHE, 1873, apud HOLLINGDALE, 2015, p. 80-81).

A atração pela criação artística de Wagner é, também, expressa em várias obras, como ao dizer que

ainda hoje procuro por uma obra da mesma perigosa fascinação, de uma mesma arrepiante e doce infinitude, como o Tristan — procuro em vão em todas as artes. [...]. Julgo saber melhor do que ninguém a imensidade de que Wagner é capaz, os cinquenta mundos de estranhos arroubos para os quais ninguém, excepto ele, teve asas; e, tal como sou, bastante forte para ainda tirar vantagem do que há de mais problemático e de mais perigoso e assim me tornar mais forte, chamo a Wagner o maior benfeitor da minha vida. (NITZSCHE, 2008, p. 35).

A música wagneriana é entendida pelo filósofo admirador como o grande renascimento da concepção trágica da arte. O teatro grego e suas expressões são adequados e ideais para representarem a vida cultural de um povo, sem deixar de considerar sua complexidade e humanidade. Nesse sentido, lemos que:

O jovem filólogo alemão, [...] embalado na proposta artístico-revolucionária do (jovem)-Wagner, ao constatar a crise à qual a cultura europeia havia-se enredado, pensou a possibilidade (e ao mesmo tempo a necessidade) de uma mudança radical na cultura europeia. Esta mudança teria como via a Arte, a necessidade de (re)fundação de uma nova forma de arte: uma arte livre. Desta forma, parece-nos que a grande Arte, nos termos pensados pelo jovem Nietzsche e pelo jovem Wagner, somente poderia ser pensada em formações culturais onde a ciência instrumentalizada não aparecesse como princípio norteador da vida humana, [...]. É assim que eles encontram no período ante-socrático, mais especificamente no gênero artístico trágico, o caminho para se pensar novos paradigmas para a cultura ocidental Moderna. (ANTUNES, 2008, P. 53-54)

Segundo Abreu-Bernardes; Bernardes (2012), o tema estético torna-se, assim, um princípio ontológico fundamental para o jovem filósofo e a arte é entendida como a chave que lhe abriria a existência essencial do mundo.

Fundamentando-nos na dualidade mitológica, é possível entender que Nietzsche se apropria dos deuses Apolo e Dionísio para apresentar a ideia da tragédia grega como a forma mais sublime de vivência de um ser ou mesmo de uma sociedade. Assim, Dionísio representa o caos, os instintos humanos, a música festiva, bem como a alegria; já Apolo, expressa a tipologia racional, equilibrada e tranquila do ser.

A seus dois deuses da arte, Apolo e Dionísio, vincula-se a nossa cognição de que no mundo helênico existe uma enorme contraposição, quanto a origens e objetivos, entre a arte do figurador plástico [Bildner], a apolínea, e a arte não-figurada [unbildlichen] da música, a de Dionísio: ambos os impulsos, tão diversos, caminham lado a lado, na maioria das vezes em discórdia aberta e incitando-se mutuamente a produções sempre novas, para perpetuar nelas a luta daquela contraposição sobre a qual a palavra comum "arte" lançava apenas aparentemente a ponte; até que, por fim, através de um miraculoso ato metafísico da "vontade" helênica, apareceram emparelhados um com o outro, e nesse emparelhamento tanto a obra de arte dionisíaca quanto a apolínea geraram a tragédia ática. [...]. (NIETZSCHE, 2007, p. 27).

À primeira análise, é provável que pareça impossível que haja uma evolução humana na presença de deuses opostos, uma vez que um anularia a ação e força do outro. Entretanto, é justamente tal justaposição de forças que viabiliza o resultado entendido pelo filósofo como progressista, tendo em vista que o conflito resulta na sobrevivência do melhor.

Ainda em “O nascimento da tragédia no espírito da música”, Nietzsche acusa Sócrates (470 ou 469 a.C.-399 a.C.) de seduzir a juventude ateniense para o mundo abstrato do pensamento, preconizando às gerações moças a visão de um mundo sobrenatural, dominado pela de razão.

Esse tipo de racionalismo foi o responsável, para o jovem Nietzsche, pelo declínio da tragédia grega, que atingira a perfeição ao reconciliar "embriaguez e forma", atribuídos a Dioniso, deus da exuberância, da desordem e da música, e a Apolo, deus da clareza, da harmonia e da ordem. Antes complementares, foram desagregados pela civilização.

Segundo Ferez e Chauí (1999, p. 6), Nietzsche referia-se à “Grécia antes da separação entre o trabalho manual e o intelectual, entre o cidadão e o político, entre o poeta e o filósofo, entre Eros e Logos. Para ele a Grécia socrática, a do Logos e da lógica, a da cidade-Estado, assinalam o fim da Grécia antiga e de sua força criadora”.

Mudanças sentidas pelo filósofo na música do jovem Wagner provocam desencanto e afastamento entre os dois. O rompimento entre os Nietzsche e Wagner culmina após a encenação da tetralogia "O Anel do Nibelungo" (formada pelas óperas "O Ouro do Reno", "A Valquíria", "Siegfried" e "O Crepúsculo dos Deuses" no teatro de Bayreuth, em 1876. O filósofo interpreta a música apresentada como redentora do cristianismo na arte ocidental, contradizendo assim o propósito inicial de suas obras de libertação de teorias e percepções já viciadas. Para Nietzsche, sob a influência de Schopenhauer, Wagner inclina-se ao pessimismo. Desse modo, o compositor revela a decadência da sociedade, não significando mais a expressão trágica do dionisismo na Modernidade, a qual o filósofo tanto admirava.

Assim, Nietzsche se afasta, também, da filosofia de Schopenhauer, não aceitando seu conceito de “vontade culpada”, e substituindo-a pela de "vontade alegre". Essa recusa é vista como necessária para extinguir as barreiras da moral e da metafísica. “O homem, diz Nietzsche, é o criador dos valores, mas esquece sua própria criação e vê neles algo de ‘trancendente’, de "eterno" e ‘verdadeiro’, quando os valores não são mais do que algo ‘humano, demasiado humano’. (FEREZ; CHAUI, 1999, p. 6).

A obra que contempla essas ideias, “Humano, demasiado humano” (2000), é presenteada a Wagner em retribuição ao exemplar de “Persifal”, que acabara de ser publicado pelo compositor. O presente é alvo de críticas, pois, para Wagner, faltava foco e discernimento a Nietzsche ao escolher temáticas das quais não possuía conhecimento suficiente. Em carta a Overback, o compositor chega a afirmar que os escritos de Nietzsche, sob a forma de fragmentos (aforismos), e sua linguagem poética, poderiam ser decorrência de seu estado de saúde. Tal insinuações carregam consigo ligações com problemas que Nietzsche passara meses atrás, insinuando uma falta de saúde mental para exercer a função de pensador e filósofo. Posteriormente, Nietzsche escreve sobre Wagner e sua decadência literária e musical, por expressar somente preocupações superficiais da modernidade.

O início da queda

O sofrimento causado pela sua saúde frágil motiva sua vontade de deixar a Universidade da Basileia, o que é expresso em uma troca de cartas com Von Meysenbug, em 1876. Outro motivo que Nietzsche acrescenta para tal ato é o empecilho que o trabalho se torna por lhe tomar tempo em seus novos projetos para escrita.

Pouco tempo depois, Nietzsche deixa o meio acadêmico, mas a ele retorna. Entretanto, em função de sua debilidade física, é obrigado a deixar o magistério, assumindo tão somente as funções de palestrante.

Desse período em diante, Nietzsche inicia viagens para a Suíça, Alemanha e Itália, com o intuito de encontrar um local adequado a suas condições de saúde. O ápice de sua má saúde ocorre em abril de 1879, forçando-o a pedir demissão da Universidade da Basileia, em definitivo.

Nessa fase da vida, é possível percebermos a existência de uma solidão e introspecção ascendente. Estilo de vida que Nietzsche adquire gradativamente e que se reflete em considerável parte de sua forte personalidade marcada por debates, busca por quebra de todo e qualquer paradigma, bem como a intolerância religiosa e pelos valores morais defendidos à época.

Com essa solidão, o filósofo passa a maior parte de sua vida mais acompanhado por suas ideias, discordâncias, afirmações e discussões, do que por amigos e família. Refletimos que é possível sugerir que a biografia de Nietzsche pode ser encontrada por

meio seus próprios escritos, uma vez que suas obras e suas ideias eram seus amigos mais constantes e próximos.

Posteriormente, Nietzsche volta seu olhar para a ideia da “morte de Deus”, expressão dita pela primeira vez em 1882, no Livro Três de “A Gaia Ciência” (2012). Tal tese parte, segundo o pensador prussiano, da falha deixada pelo discípulo de Hegel, David Strauss em sua obra “A antiga e a nova fé” (1873), na qual, ao discorrer sobre a mudança de concepções da humanidade sobre existência e origem dos seres, não se preocupa em tratar sobre possíveis reestruturações morais, cometendo assim um grande equívoco, tendo em vista a base moral que rege qualquer religião.

Desse modo, sem tal readaptação moral, a dualidade proposta por Nietzsche faz-se presente por meio da figura da “Moral do Senhor” e da “Moral do Escravo”. A primeira busca a completude, a afirmação da vida, bem como a afirmação de si mesmo. Para o Senhor, a vontade de poder deveria estar sempre presente, criando seus próprios valores e condutas, não se rebaixando assim a leis propostas por outrem. Já a segunda, com sua negatividade e medo da vida, torna-se submissa, invejosa e somente desenvolve potência reativa, ou seja, para atuar em contra-ataque a infortúnios que lhe acontecerem.

Assim, o filósofo do martelo inicia suas reflexões voltadas à apreensão de aspectos da área da psicologia. Nessa perspectiva, sua análise permeia expressões inconscientes sobre a “vontade de poder”. Para isso, Nietzsche apropria-se de três elementos para sua percepção do exercício de poder: o artista, o filósofo e até mesmo o homem humilde. Para ele, o artista exerce domínio por meio da poesia; o filósofo expressa poder por meio das afirmações de sua filosofia, fazendo com que esta passe a se tornar dona, ao mesmo tempo, da descoberta e da verdade. Buscando embasamento de oposição na própria Bíblia, Nietzsche, mostra que o ato de humildade vai ao encontro do reconhecimento e admiração por esse ato, fazendo com que almeje o poder, assim como o artista e o filósofo o fazem.

Seguindo tal linha de pensamento, é possível percebermos que o filósofo, o artista e o humilde, ao exercerem suas funções, emitem juízos de valor. Assim, Nietzsche inicia uma reflexão crítica sobre de que modo se elabora e se estabelece a dualidade bem *versus* mal em determinadas situações.

Tendo em vista que até então os conceitos de maldade e bondade eram pautados na moral cristã, o filósofo alemão percebe que o mal estava ligado a tudo que advém da natureza do ser humano, de forma crua e instintiva. Já o bem é visto por Nietzsche como o mal sublimado. Esses conceitos são ainda mais prejudiciais para a evolução do ser humano

pelo fato de que não são colocados pela “Moral do Senhor” para reflexão e crítica, fazendo com que, assim, não se questionassem estruturas e hierarquias, como reflete em “Aurora” (2004, p. 15-16).

Foi sobre o bem e o mal que até hoje refletimos mais pobremente: esse foi sempre um tema demasiado perigoso. A consciência, a boa reputação, o inferno [...] não permitiam, nem permitem, imparcialidade; é que, perante a moral, como perante qualquer autoridade, não é permitido refletir e, menos ainda, falar: nesse ponto se deve — obedecer! Desde que o mundo existe, nunca uma autoridade quis ser tomada por objeto de crítica [...].

Após suas ponderações, chegamos à conclusão de que esses conceitos não são opostos, mas sim paralelos.

O filósofo e a educação

Nietzsche, em sua formação escolar, busca aprofundar-se nas temáticas sobre a cultura grega, as quais são, para ele, um ponto de referência e ao mesmo tempo o objetivo, meta e ápice para a sociedade de sua contemporaneidade.

Tendo cada vez mais experiência sobre as estruturas de inúmeras vertentes da sociedade, bem como a vivência própria sobre estas por meio de seu trabalho como professor, Nietzsche escreve também sobre educação. Nesse campo, é grande a influência das ideias de Schopenhauer, a quem denomina “mestre educador”.

Segundo Bittencourt (2009, p. 3), o “cavaleiro solitário”, como assim o denomina Nietzsche, faz críticas ao ensino de filosofia de sua época, denunciando “o obscurantismo dos docentes e o corporativismo acadêmico”. Questiona, igualmente, o sistema universitário que legitimava “intelectualmente as instituições conservadoras da religião e da tradição social, aparatos que o Estado utilizava para controlar, de modo normativo, as ações dos cidadãos” (p. 4), assumindo os valores conservadores do Estado Prussiano. Essas objeções de Schopenhauer aos seus contemporâneos influenciam o então estudioso de sua teoria e o entusiasmo a condenar o sistema educacional vigente, pelo fato de que, para ele, a formação escolar buscava somente interesses estatais e políticos, refletindo tais ações na própria sala de aula. Além do mais, a estrutura educacional não favorecia a força criadora e conflitante do ser humano, uma vez que os conteúdos eram somente reproduzidos de forma simétrica, memorizados e sem conexão com a realidade na qual os estudantes estavam

inseridos. Assim, critica o adestramento do aluno pelo Estado, ao preparar os alunos para os moldes industriais existentes no país, em trabalhos que se compunham de atividades fragmentadas, repetitivas, em que a docência compreendia muito mais um amontoado de informações, do que um estímulo à criatividade. Voltando-se para a memorização, o ensino formava um homem passivo, carente de condições para projetar-se, para caminhar no seu próprio ritmo, o que levava, conseqüentemente, a um empobrecimento da cultura.

Se o adestramento pelo Estado era maléfico para a evolução humana, Nietzsche sugere, então, a formação de “um ser autônomo, forte, capaz de crescer a partir do acúmulo de forças deixadas pelas gerações passadas”. (DIAS, 2003, p. 86).

Pensamos que é possível afirmar que a visão de mundo, o projeto de sociedade e a concepção de filosofia schopenhauerianos foram incorporados pelo filósofo do martelo.

Grandes certezas e incertezas

Partindo da premissa de que mesmo a mais ficcional história revela implicitamente a personalidade e vida do escritor, é possível percebermos a solidão de Nietzsche ao longo de sua vida por meio de suas obras e escritos, como em “Humano, demasiado humano” (2000), por exemplo, no qual em seu último capítulo intitulado “O homem sozinho consigo mesmo”, revela traços de introspecção reflexiva. Tal insulamento pode ser também perceptível em “Assim falou Zaratustra” (2015), no momento em que este diz ter somente ao seu lado a águia e serpente ao caminhar sozinho em praça pública.

No aspecto político, o pensador de “Considerações extemporâneas” (1999a) é, simultaneamente, um antidemocrático e um ante totalitário. Para ele, a democracia expressa o declínio, escravizava o pensamento, pois o Estado, nesse contexto, está sempre interessado na formação de cidadãos submissos e tem, portanto, tendência a impedir o desenvolvimento da cultura livre, tornando-a estática e estereotipada. Outro ponto importante é sua aversão ao antissemitismo durante toda sua existência. Tal corrente ideológica encontrava-se em progresso não somente na Alemanha de Nietzsche, como em toda a Europa.

Ainda comentando suas posições políticas, acrescentamos sua aversão à mentalidade nacionalista exacerbada do povo alemão de sua época. Em A “Gaia Ciência” (2012, af. 377), ele critica a “doença nacionalista alemã:

Faltam, entre os europeus de hoje, aqueles que possuem o direito de denominar-se sem pátria, num sentido honroso e eminente. [...] Nós, os sem-pátria, por raça e ascendência somos demasiado múltiplos e misturados, [...] e, portanto, muito pouco inclinados a partilhar essa mentirosa autoadmiração e indecência racial, que agora desfila na Alemanha como sinal da mentalidade alemã e que, no povo do ‘sentido histórico’, é algo duplamente falso e obscuro. Somos, numa palavra – e será nossa palavra de honra! – *bons europeus* (grifo do autor).

Em outra passagem de “Além do bem e do mal: ou prelúdio para uma filosofia do futuro” (2005), o filósofo proclama o bom europeu como um tipo de homem supranacional e nômade, possuidor de arte e de força de adaptação. Este caráter supranacional e nômade caracteriza a perspectiva filosófica de Nietzsche (2000, af. 211): “odeio os hábitos duradouros, penso que um tirano se me avizinha e que meu ar fica espesso [...] por exemplo, devido a um emprego, ao trato constante com as mesmas pessoas, uma morada fixa, uma saúde única”. Ele representa o impulso de liberdade do espírito livre, o qual lhe permite alcançar uma pluralidade de perspectivas culturais, morais, artísticas e filosóficas.

Ressaltamos que, desde sua nomeação para a Universidade de Basileia, Nietzsche abdica de sua condição de súdito prussiano, tendo em vista o cenário político instável na Alemanha, gerado por conflitos do imperador Bismark. Ele chega a buscar a naturalização suíça, para que não ser convocado pelo exército alemão. Todavia, com a impossibilidade de ter seu pedido aceito, torna-se apátrida, não sendo mais, de direito, nem alemão e nem prussiano. (FERRAZ, 1994).

O ano de 1888 é divisor de águas para Nietzsche, tendo em vista que fora, ao mesmo tempo, seu último período de produções, e, igualmente, seu primeiro ano de reconhecimento como filósofo e escritor. Entretanto, mal sabia Nietzsche que a virada de ano dar-lhe-ia o pior colapso mental de sua vida, levando-o assim à instabilidade mental até à morte.

Devido a esse trágico acontecimento, ouviam-se discussões e divergências quanto à integridade das obras escritas por Nietzsche na véspera do surto psíquico. Entretanto, tal tese cai sobre si mesma a partir do momento em que se observa a inexistência de contradições a suas próprias ideias construídas anteriormente, ou mesmo a adição de novos conceitos que poderiam trazer novos sentidos e uma nova configuração à sua filosofia.

Pensamos ser possível afirmar que as temáticas abordadas, bem como os pontos de vista defendidos por Nietzsche em suas últimas obras, têm, em sua forma

descompromissada e poética de narrativa, os únicos aspectos de divergência em relação aos primeiros manuscritos.

Mediante seus conceitos cada vez mais permeados de poesia que afloraram com seu amadurecimento filosófico, pensamos que Nietzsche busca, por meio da criatividade vital e artística, a evolução do próprio ser humano, a partir do momento que este procura dar uma alcinha única a si próprio. Para o filósofo, é essencial que haja o reconhecimento das próprias fraquezas, identificando-as e aceitando-as.

Sendo assim, o cristianismo, segundo Nietzsche, está na contramão desse processo, uma vez que esta religião busca extirpar tudo o que é falho, fraco, logo natural, como a mentira, o sexo, a raiva, a inveja, a ira e a gula. Esses, para Nietzsche, adveem de um conflito natural necessário interno e externo, nos quais o homem busca incessantemente sua evolução e não perecimento.

A vida, a doença e o sofrimento são aceitos de modo dionisíaco e trágico, de tal modo que são transformados em estímulos de crescimento. Para o filólogo e filósofo, o sentido da tragédia é um sentimento dionisíaco de afirmação da existência tal como ela é, não se referindo, pois, a uma negação pessimista do destino. “O artista trágico *não* é um pessimista – ele diz justamente *Sim* a tudo questionável e mesmo terrível, ele é o dionisíaco...”, diz Nietzsche em o “Crepúsculo dos ídolos, ou como se filosofa com o martelo” (2006, p. 244). E nesta mesma obra (p. 78), ele reflete: “aquele que está habituado ao sofrimento, aquele que busca o sofrimento, o homem heroico exalta sua existência com a tragédia – apenas a ele o artista trágico oferece o trago dessa dulcíssima crueldade”.

Enfim, para o filósofo que tanto sofreu, a tragédia é entendida como estimulante para aquele tipo de homem que afirma a vida mesmo em seus aspectos mais dolorosos. O trágico lhe ensina que a dor não constitui nenhum motivo de desencantamento perante a vida do homem forte. É a lenta, longa e grande dor de sua doença que lhe possibilitou a libertação do espírito. (NIETZSCHE, 2005). Deixar de entender o sofrimento como mal e passar a vê-lo como força é modificar a perspectiva que construímos em relação à amargura e, em consequência, em relação à própria vida. Assim, a explicação para a sua própria agonia, ele a encontrou nas reflexões metafísicas a partir da expressão dionisíaca da arte grega.

Em sua lenta decadência, o filósofo “além do bem e do mal” torna-se um destruidor/criador de um original pensamento filosófico. Sua morte ocorreu no dia 25 de agosto de 1900, com 55 anos de idade, em Weimar, Alemanha, deixando quatorze obras

publicadas.

Considerações finais

Mediante o exposto ao longo do artigo foi possível encontrar a construção da personalidade e figura de mais que um filósofo, um humano, demasiado humano em busca de sentido para a vida, apesar de todo o sofrimento nos aspectos físico, mental, social, acadêmico e familiar.

Assim, construindo, desconstruindo, reformulando, contradizendo, Nietzsche pôde seguir fielmente o que sempre propôs em sua filosofia: nunca se estabelecer em somente uma base de apoio para a vida, uma vez que o ser humano, para buscar sua evolução, deve fazer com que novas ideias sempre possam permear sua frente para alcançar assim, ares cada vez mais altos e mais puros para reflexão.

Nietzsche foi um pensador crítico de seu tempo, mas pode ser lido como um filósofo atual, pois em sua obra questiona a cultura, a moral, a religião, a filosofia, a formação humana, a arte e os valores postos como universais e regra geral para toda a humanidade.

Agradecimentos

Ao CNPq e à FAPEMIG pelo apoio à pesquisa interinstitucional “Perspectivas interdisciplinares na educação”, a que este estudo se integra.

Referências

ABREU-BERNARDES, Sueli Teresinha; BERNARDES, Leonora de A. Arte e filosofia: uma concepção de vida em Nietzsche. WORLD CONGRESS ON COMMUNICATION AND ARTS: beyond art, beyond humanities, beyond technology: a new creativity, 5, 2012. **Proceedings of ...** Guimarães, Portugal, WCCA, 2012.

ANTUNES, Jair. Nietzsche e Wagner: caminhos e descaminhos na concepção do trágico. **Revista Trágica**: estudos sobre Nietzsche, v. 1, n. 2, p. 53-70, 2. sem. 2008. Disponível em: <http://tragica.org/artigos/02/04-jair.pdf> Acesso em 24 set. 2017.

BITTENCOURT, Renato Nunes. Convergências entre Schopenhauer e Nietzsche na crítica da filosofia acadêmica. **Intuitio**, Porto Alegre v.2, n. 3, p. 257-278, 2009. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/5991/4561> Acesso em 9 out. 2016.

PEREZ, Olgária Chaim; CHAUI, Marilena. Nietzsche: vida e obra. In: NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. Seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de

Rubens Rodrigues Torres Filho. Posfácio de Antônio Cândido São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores). Disponível em: <http://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2017/05/NIETZSCHE-F.-Obras-incompletas-os-pensadores.pdf> Acesso em 24 set. 2017.

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche educador**. São Paulo: Scipione, 2003.

DRIJARD, André. **Alemanha**: panorama histórico e cultural. Tradução de António Pescada. Lisboa: Dom Quixote, 1972.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Nietzsche, o bufão dos deuses**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

HOLLINGDALE, Reginald John. **Nietzsche**: uma biografia. Tradução de Maria Luisa de Abreu Lima Paz. São Paulo: EDIPRO, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da tragédia, ou helenismo e pessimismo**. Tradução, notas e posfácio de Jacob Guinsburg. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. Considerações extemporâneas. In: _____. **Obras incompletas**. Coleção Os Pensadores: seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999a, p. 267-298.

_____. **O caso Wagner**: um problema para músicos. Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo. São Paulo: Companhia das Letras, 1999b.

_____. **Humano, demasiado humano**. Um livro para espíritos livres. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

_____. **Aurora**: reflexões sobre os pensamentos morais. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Além do bem e do mal ou prelúdio para uma filosofia do futuro**. Tradução de Márcio Pugliesi. Curitiba: Hemus, 2005.

_____. **Crepúsculo dos ídolos, ou como se filosofa com o martelo**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **O Anticristo**: maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Ecce Homo**: como se chega a ser o que se é. Tradução de Artur Morão. Covilhã: Lusofonia, 2008.

_____. **Escritos sobre educação**. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. 7. ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2011.

_____. **A Gaia ciência.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Assim falou Zaratustra:** um livro para todos e para ninguém. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

STRAUSS, David Friedrich. **The old faith and the new.** Tradução de Mathilde Blind. New York: Henry Holt and Company, 1873. Disponível em: <<https://archive.org/stream/oldfaithnewconfe01stra#page/n5/mode/2up>>. Acesso em: 08 jan. 2017.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo como vontade e representação.** Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barbosa. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

WAGNER, Richard. **Parsifal.** Ópera em três atos, 1882. Estreia no Richard Wagner-Festspielhaus, em Bayreuth, Alemanha.